

CINEMATECA PORTUGUESA–MUSEU DO CINEMA
O CINEMA ITALIANO, LADO B
10 de julho de 2021

RISATE DI GIOIA / 1960 *(O Ladrão Apaixonado)*

um filme de Mario Monicelli

Realização: Mario Monicelli / **Argumento:** Suso Cecchi d'Amico, Agenore Incrocci, Mario Monicelli e Furio Scarpelli, segundo os contos "Risate di Gioia" e "Ladri in Chiesa", in "Racconti Romani" de Alberto Moravia / **Fotografia:** Leonida Barboni / **Direcção Artística:** Piero Gherardi, Giuseppe Ranieri / **Figurinos:** Piero Gherardi / **Montagem:** Adriana Novelli / **Música:** Lelio Luttazzi / **Intérpretes:** Anna Magnani (Gioia, "Tortorella"), Totò (Umberto Pennazzuto, "Infortunio"), Ben Gazzara (Lello), Fred Clark (o americano), Edy Vessel (a rapariga), Gina Rovere (Mimi), Dori Dorika (Milena), Toni Ucci (o amigo de Milena), Kurt Polter, Mac Ronay (o condutor do metro), Carlo Pisacane (o avô de Gioia), Alberto de Amicis, Gianni Bonagura, Rik Van Nutter, Peppino de Martino, Marcella Rovena.

Produção: Sívio Clementelli, para a Titanus / **Cópia:** dcp, preto e branco, legendado eletronicamente em português, 106 minutos / **Estreia em Portugal:** Monumental, em 17 de Julho de 1962.

Mario Monicelli foi, ao lado de Pasolini e Rossellini, o realizador que melhor aproveitou a imagem e estatuto do actor para lhe dar uma nova dimensão, mais humana, inclusive com um toque daquela tragédia filosoficamente aceite e recusada pela gente simples. Já um pouco desta imagem surgia em filmes como **Yvonne la Nuit/Ivone e Totò** de Giuseppe Amato (1949) ou em **Miséria e Nobilita/Totò Rico e Pobre**, de Mario Mattoli (1954), mas a faceta predominante nos filmes de Totò era a do popular actor de revista, com uma gestualidade característica que lhe dava a aparência de uma marioneta que ameaça desarticular-se. Monicelli, nos filmes em que o dirigiu andou sempre a cavalo entre um Totò mais humano e a figura clássica do intérprete de revista mais vulgar e popular. Esta última predomina em filmes como **Totò Cerca Casa/Totò Procura Casa** (1949), a primeira vez em que trabalharam juntos, em **Totò e il Re di Roma** (1951) e **Totò e le Donne/Totò Entre Mulheres** (1952), mas o lado dramático e pungente emerge em toda a força com **Guardie e Ladri/Polícia e Ladrão** (1951). Quando Monicelli abandona a parceria com Steno (que dirigira estes filmes a seu lado, e que terá sido o responsável pela manutenção da imagem típica de Totò, como os filmes seguintes em que Steno dirigiu o actor, o testemunham), a personagem do actor evolui de forma mais "realista" (**Totò e Carolina/Totò e Carolina** - 1953, **I Soliti Ignoti/Gangsters Falhados** - 1958), mas sente-se, também a "perda" de algo: a do humor espontâneo, irreverente e

provocador. Isso é particularmente evidente no último filme em que Monicelli e Totò trabalharam juntos, este **Risate di Gioia** que vamos ver.

A grande vedeta de **Risate di Gioia** é Anna Magnani. Este filme, que antecede a última grande criação da Magnani, a de **Mamma Roma** (tal como Totò, seria a Pasolini que a atriz deveria um dos seus mais carismáticos papéis), marca o regresso da atriz a Itália, após o interregno norte-americano, onde ganhara o óscar com **The Rose Tattoo/A Rosa Tatuada**, de Daniel Mann (1955), encerrado com **The Fugitive Kind/O Homem da Pele de Serpente**, de Sidney Lumet (1960). A personagem de Gioia/Tortorella de **Risate di Gioia** parece reflectir um pouco desse trânsito, com o papel que o cinema tem no filme, sendo ela uma figurante da Cinecittà, e com as sucessivas citações a filmes e paródias. Todo o filme parece estar marcado pela influência de Fellini, e em especial pelo sucesso e escândalo de **La Dolce Vita/A Doce Vida**. Partindo de dois contos de Alberto Moravia, os argumentistas construíram uma narrativa bastante inspirada pelo filme de Fellini. Tudo decorre durante uma noite, a do fim de ano, nos encontros e azares de festas pela cidade de Roma. Por ali passa um milionário americano embriagado (irresistível Fred Clark), apostado em emular as personagens da **Dolce Vita**, procurando a fonte Trevi para lançar moedas e tomar banho! Uma das mais divertidas cenas do filme coloca todas as personagens principais junto da fonte, ao lado do milionário. Mas o mundo de Fellini surge no filme de Monicelli também através de outras personagens e situações, que retomam outras conhecidas de **Luci del Varietà/Luzes de Variedades** (a intrusão na mansão aristocrática), **Le Notti di Cabiria/As Noites de Cabiria** (a personagem de Gioia, por vezes ingénua e confiante como a heroína felliniana, e loura, também, embora mais brilhante com a cabeleira platinada postíça) e, em particular, com **Il Bidone/O Conto do Vigário**, através da personagem de Lello (Ben Gazzara), oportunista, que apresenta também uma faceta reles como a do “apaixonado” de Cabiria, que a rouba. Daí que seja estranho o título português de “O Ladrão Apaixonado”: se o ladrão é Lello, está apaixonado por quem? A única coisa que lhe interessa é levar a cabo os roubos. Perto do fim, na alvorada do dia de Ano Novo, no “ajuste de contas” verbal entre os três, Lello afasta-se, no que representa também o seu abandono por Pennazzuto (Totò) e Gioia, sentindo a amizade e o amor que lhe devotavam, traídos miseravelmente.

O Totò de **Risate de Gioia** não é o Totò tradicional da comédia do estilo **Totò le Moko**. Mas também não atinge a grandeza trágicômica e patética de **Guardie e Ladri**. Está num meio-termo, algo apagado, talvez para destacar o “come back” da Magnani. O seu melhor momento, o mais típico, é aquele em que evoca um acto de revista do passado, perante os aristocratas. Ali, ao lado de Magnani, aquele momento da canção, lembra que os dois participaram lado a lado em várias revistas nos palcos de Itália na primeira metade da década de 40, embora só desta vez tenham trabalhado juntos no cinema. Esse “dueto” por si só vale o filme, mas **Risate di Gioia**, que Monicelli fez após o sucesso de **La Grande Guerra/A Grande Guerra**, tem ainda outros bons momentos de comédia, com a Magnani no centro, desde a paródia aos “peplum” que se filma ao começo e o aproveitamento da sua réplica “Milagre! Milagre!” na cena quase final na Igreja.

Manuel Cintra Ferreira

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico